

Livro da Sabedoria Laica: Materiais para uma Doutrina Laica da Sabedoriaⁱ

Alain (Émile Chartier)

Tradução

Philippe Claude Thierry Lacourⁱⁱ; Jade Oliveira Chaiaⁱⁱⁱ; Michelly Alves Teixeira^{iv}; Paula Furtado Goulart^v; Rogério Santos dos Prazeres^{vi}

Apresentação

O autor deste artigo acredita firmemente que já existe uma doutrina da sabedoria, isto é, que as lições dos grandes filósofos sobre a melhor maneira de viver são os títulos menos contestáveis que a razão humana pode produzir, quando exige a autonomia. Mas ele também acredita que a exposição sistemática dessa doutrina, admitindo que um único homem se comprometeu a fazê-la, apresenta tais dificuldades que os amigos da Razão correm o risco de esperá-la por um longo tempo ainda. E, como é melhor obter algumas partes do que esperar indefinidamente o todo, o autor acredita prestar um maior serviço à causa da Razão, publicando agora, sem ordem e, se necessário, sem ligação, o que tem extraído da leitura dos filósofos para a condução da sua vida, que, prometendo ao público uma obra completa, bem ordenada, e verdadeiramente digna destes ilustres mestres, organização certamente nobre o suficiente para excitar os esforços da maioria de nós, mas pesada o suficiente para exceder de longe as suas forças. Se alguns dos que dedicam o seu tempo à filosofia forem levados por

ⁱPublicado originalmente na *Revue de Métaphysique et de Morale*, novembro de 1899, pp. 759-764.

ⁱⁱProfessor do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília (UnB). Doutor em Filosofia pela Universidade de Provence Aix Marseille I. E-mail: unb@philippelacour.net. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3226-584X>.

ⁱⁱⁱMestra em Desenvolvimento Local, pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco (PPGDL-UCDB). Graduada em Direito pela mesma instituição. Graduada em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: jade.joc@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7615-5610>.

^{iv}Mestra e Graduada em Filosofia pela Universidade de Brasília (PPGFIL-UnB). E-mail: michellyteixeira@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0842-8824>.

^vDoutoranda em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília. Mestra e Graduada em Filosofia pela mesma instituição. E-mail: paulie.goulart@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5453-9867>.

^{vi}Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás (PPGAS-UFG). Mestre em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB). Graduado em Letras pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). E-mail: pleinementperdu@yahoo.fr. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5513-786X>.

este exemplo a publicar aqui, sem mais delongas, os fragmentos deste “livro da sabedoria laica”, ao qual consideram dedicar-se durante longos anos, eles demonstrarão, por isso mesmo, uma sabedoria muito necessária e rara, pois sacrificarão a uma ação imediata e pequena tão belos projetos e esperanças.

* * *

Tradução

I - O valor moral da alegria segundo Espinosa

A maioria das doutrinas morais manteve alguns vestígios dos tempos de escravidão, durante os quais se confiava no medo principalmente para tornar os homens inofensivos. O soberano bem sendo então, como diz Pascal, a paz, tudo o que é útil à paz é bom, e em particular o medo é bom; e como o medo é tristeza, a tristeza pode ser boa, e o moralista tem o cuidado de não desviar o homem da tristeza. Pascal só estima aqueles que lamentam.

Atualmente, embora Pascal seja amplamente lido e admirado, a maioria dos espíritos cultos encontrou, no entanto, algum vislumbre de sã razão, a ponto de amar, pelo menos, a alegria nos outros. Muitos ainda não chegaram a ponto de amar a alegria em si mesmos; eles são inquietos enquanto não há inquietude, e só se tranquilizam se são atravessados por alguma crise de tristeza e desânimo da qual acreditam sair purificados. Isso prova que eles não confiam em Deus, ou seja, que não aprenderam a saber como tudo depende necessariamente da natureza infinita de Deus, isto é, de uma razão eterna que absolutamente não pode enganar a si mesma nem a nós.

Quando eles dizem que a tristeza é boa, é como se estivessem dizendo que somos avisados pela própria tristeza que nos tornamos mais perfeitos; é como se estivessem dizendo que sofremos porque existimos mais e melhor. Nisso ofendem gravemente, se assim se pode falar por imagens, a Razão eterna. Eles devem saber, com efeito, que na maioria dos casos, quando sentiam uma dor em alguma parte do seu corpo, eles aprenderam por eles mesmos ou aprenderam dos médicos que essa parte de seus corpos existia menos e de maneira pior que antes, ou seja, que os pequenos movimentos que reforçam ou reparam essa parte não eram feitos como deveriam, mas, pelo contrário, eram contrariados ou impedidos. Da mesma forma, todas as vezes que eles experimentaram uma

tristeza acompanhada da ideia de uma causa, eles puderam perceber que essa tristeza resultava do que eles acreditavam, com ou sem razão, que o seu poder de ação estava diminuído ou frustrado. Que a tristeza do ambicioso, do amante e do avarento resulta de tais ideias e que, inversamente, a sua alegria resulta, ao contrário, do que se consideram como mais poderosos, não vale a pena explicar mais disso. Em todos estes casos, a sua alegria e tristeza sempre os aconselham, ao menos tão bem como o seu próprio julgamento, e frequentemente até muito melhor.

Que os homens que se orgulham de sua tristeza e desconfiam de sua alegria consideram agora, – todas as coisas que sem dúvida sabem, mas das quais não estão acostumados a viver – em primeiro lugar, que essa substância existe em si e por si. Em segundo, que é única e que nada pode ser ou ser concebida fora dela. Em terceiro, que é ao mesmo tempo que uma infinita extensão, Razão perfeita, senão haveria algo mais perfeito do que ela, e que, portanto, seu verdadeiro nome é Deus. Em quarto, que nada pode acontecer, exceto pelas leis necessárias da natureza de Deus. – Eles compreenderão a partir disso que a tristeza e a alegria, mesmo não conhecendo bem suas causas, são, para falar com exatidão, advertências de Deus, das quais podemos concluir, com total certeza, que estamos passando a uma perfeição menor ou maior. Pensar o contrário seria acreditar que nossa luz natural pode nos enganar, e que estamos nas mãos de um gênio caprichoso e malvado que se satisfaria em nos tranquilizar quando passamos de um estado melhor para um pior, e em nos preocupar, ao contrário, quando ganhamos em perfeição e existimos mais e melhor. Tal opinião, embora muitas pessoas a considerem inseparável da verdadeira religião, não é menos irreligiosa, e aqueles que a admitem e a ensinam não fazem outra coisa do que negar Deus, e assim merecem justamente o nome de ateus, que tão liberalmente dão aos outros.

Nós estaremos ainda mais aliviados e mais fortalecidos, quanto a esse ponto, se nós examinarmos a própria Alegria e a Tristeza e se nós tentarmos defini-las.

Uma tal definição parece quase impossível para aqueles que consideram a alma e o corpo como duas substâncias distintas, vez que são obrigados, então, a admitir que há alegrias e tristezas corporais, que dependem de toda a natureza, e alegrias e tristezas da alma, que dependem da disposição da nossa vontade. E, assim como haverá em consequência disso alegrias que não terão relação com a perfeição própria da alma, nunca haverá motivo para se alegrar de ser alegre sem maiores explicações, mas é sempre um julgamento reflexivo que

deverá decidir se tal alegria é boa ou má. O embaraço em que se encontra em relação à alegria só pode ser aumentado se se distinguir ainda na alma várias almas, como vontade, entendimento e sensibilidade, porque cada uma dessas almas correrá o risco de ter a sua perfeição própria – a alegria sendo apenas a perfeição própria da sensibilidade.

Nós escapamos facilmente de todas essas dificuldades, desde que atentemos a não nos esquecer do que foi demonstrado nas duas primeiras partes da *Ética*, a saber, que só existe uma substância; que o pensamento e a extensão são dois atributos da substância, ou seja, duas maneiras de considerá-la e nada mais; que, desde que um ser existe, ele é ao mesmo tempo um corpo, se o considerarmos sob o atributo da extensão, e uma alma, se o considerarmos sob o atributo do pensamento, e que esta alma e este corpo são uma coisa só; que, paralelamente, é apenas por abstração que podemos considerar, na alma, faculdades, e que a alma é una e indivisível; que ela não contém uma parte inferior, em que habitariam a alegria e a tristeza, nem uma parte superior, onde se encontrariam as ideias e uma vontade. A alegria de Pedro não pode então ser outra coisa que toda a alma de Pedro, considerada somente em relação ao agradável e ao desagradável; e, como não há partes ou hierarquias na alma, é necessário que o agradável e o desagradável sejam idênticos ao bem e ao mal, e conseqüentemente que a alegria seja a mesma coisa que a perfeição. Eu digo a mesma coisa que a perfeição e não, de todo, a conseqüência necessária da perfeição, porque precisaria para compreendê-la assim supor que uma parte da alma seria mais ou menos perfeita, enquanto outra parte seria mais ou menos alegre. Este é o significado da bem conhecida definição: *Lætitia est hominis transitio a minore ad majorem perfectionem*;¹ ou ainda: *Per Lætitiam in sequentibus intelligam passionem qua Mens ad majorem perfectionem transit*.² Essa segunda definição é mais surpreendente, à primeira vista, do que a primeira, mas também é mais clara, se pensarmos bem. A alegria é “uma paixão *pela qual* a alma passa a uma maior perfeição”; o que não quer dizer que a alegria nos conduza à per-

¹[N.T.] “A Alegria é a passagem do homem de uma perfeição menor para uma maior” (SPINOZA, *Ethica*, III De Origine Naturâ Affectuum, Affectuum Definitiones, II, tradução nossa). Outra tradução possível é aquela encontrada no livro *Ética* (2018), cuja tradução foi realizada pelo *Grupo de Estudos Espinosanos*, coordenação de Marilena Chauí, publicado pela Editora Universidade de São Paulo (Edusp): “A Alegria é a passagem do homem de uma perfeição menor a uma maior”, no original “*Lætitia est hominis transitio à minore ad majorem perfectionem*” (ESPINOSA, 2018, pp. 340-1).

²[N.T.] “por Alegria, no que se segue, quero dizer a paixão pela qual a alma passa a uma maior perfeição (SPINOZA, *Ethica*, III De Origine Naturâ Affectuum, Prop XI, Scholium, tradução nossa). Outra tradução possível é aquela encontrada no livro *Ética* (2018), cuja tradução foi realizada pelo *Grupo de Estudos Espinosanos*, coordenação de Marilena Chauí, publicado pela Editora Universidade de São Paulo (Edusp): “Assim, por *Alegria*, entenderei na seqüência *a paixão pela qual a Mente passa a uma maior perfeição*”, no original “*Per Lætitiam itaque in sequentibus intelligam passionem, quâ Mens ad majorem perfectionem transit*” (ESPINOSA, 2018, pp. 256-7)

feição, mas simplesmente que ela não é distinta desta, e que a mesma coisa que chamo passagem para maior perfeição, se eu prestar atenção à potência de agir do ser considerado, chamo-lhe alegria se presto atenção à capacidade que tem de ser feliz ou infeliz.³

Algumas demonstrações da quarta parte da Ética devem nos familiarizar com esta ideia de que, longe de regular nossa tristeza ou nossa alegria de acordo com a opinião que temos do bem e do mal, devemos, ao contrário, julgar o bem e o mal de acordo com a alegria e a tristeza que temos. A piedade é ruim, porque ela é uma tristeza (*Prop.* 50): “*Commiseratio enim Tristitia est, ac proinde, per se mala*”.⁴ Além disso, o conhecimento do mal é inadequado porque o conhecimento do mal é a própria tristeza, na medida que temos consciência dela, e porque a tristeza, sendo paixão, está ligada a alguma ideia inadequada (*Prop.* 64). A sabedoria não consiste em regular nossas alegrias e nossas tristezas em concordância com nossos princípios de conduta; ao contrário, devemos ter confiança no pensamento perfeito que está na base, e antes subordinar nossos princípios de conduta à nossa alegria e à nossa tristeza. A hilaridade não pode ter excesso; a melancolia é sempre ruim.⁵ O que nós chamamos de prazer (*tillatio*, *propos.* 43, p. 4) por vezes só é ruim porque não é uma alegria de todo nosso ser e que assim, enquanto uma certa parte de nosso corpo existe, mais e melhor que antes, as outras se encontram de alguma forma sacrificadas. Dado isso, é fácil tirar uma regra de conduta extremamente precisa. *Um prazer só é certamente bom se ele ocupa o corpo inteiro*. Tal prazer (*hilaritas*, *prop.* 42, p. 4) é sempre bom e não pode ser excessivo. Ele assegura que avançamos para um grau de perfeição maior e que participamos mais da natureza divina.

Agora é fácil de entender completamente, isto é, relacionar fortemente com os princípios da religião espinosista, o segundo escólio da proposição 45 (Livro IV): “[...] Certamente uma triste e feroz superstição sozinha pode nos impedir de nos alegrarmos. Porque razão, seria conveniente, em vez disso, afastar a fome e a sede que afastar a melancolia? Esta é a maneira de viver que eu adotei. Uma divindade hostil poderia ela mesma se alegrar com a minha fraqueza

³Ver também *dem. prop.* 41, p. 4: “*Lætitia est affectus quo corporis agendi potentia argetusu, vel juvatur. . . , etc.*”

⁴[N.T.] Uma outra tradução possível da *Propositio L, Demonstratio, Livro IV De Servitute Humanâ*, é aquela realizada pelo Grupo de Estudos Espinosanos, coordenação de Marilena Chauí: “Com efeito, a Comiseração (*pela* 18. *Def. dos afetos*) é Tristeza; e por isso (*pela Prop.* 41 *desta parte*) é por si má”, no original “*Commiseratio enim (per 18. Affect. Defn.) Tristitia est, ac proinde (per Prop. 41. hujus) per se mala*” (ESPINOSA, 2018, pp. 454-5).

⁵[N.T.] Uma outra tradução possível da *Propositio XLII, Livro IV De Servitute Humanâ*, é aquela realizada pelo Grupo de Estudos Espinosanos, coordenação de Marilena Chauí: “A Hilaridade não pode ter excesso, sendo sempre boa, e a Melancolia, ao contrário, é sempre má”, no original “*Hilaritas excessum habere nequit, sed semper bona est, E contrà Melancholia semper mala*” (ESPINOSA, 2018, pp. 442-3).

e o meu sofrimento, e fazer honrar a minha virtude com as minhas lágrimas, os meus soluços, os meus temores e todas as coisas deste tipo, que são a marca de um coração fraco. Pelo contrário, só por isso experimentamos mais alegria, passamos necessariamente a uma maior perfeição, e participamos mais da natureza divina. Por isso, convém que o sábio use as coisas e tire delas tanta alegria quanto possível (não certamente até o desgosto, porque o desgosto não é alegria). Convém, digo, que o sábio coma e beba com moderação e com prazer, que desfrute dos perfumes, da beleza das plantas, dos ornamentos, da música, dos jogos, do teatro, e em uma palavra, de tudo o que pode ser usado sem prejudicar os outros. Pois o corpo humano é composto de muitas partes de natureza diversa, que precisam continuamente de um alimento novo e variado, afim de que todo o corpo seja igualmente capaz de fazer tudo o que pode seguir de sua natureza, e que, por conseguinte,⁶ a alma também seja capaz de compreender ao mesmo tempo mais coisas”.⁷

O leitor não deve ter medo de meditar sobre isso por um bom tempo, nem pensar que considerações desse tipo não são nem suficientemente nobres nem suficientemente elevadas. A dificuldade está justamente em entender como a religião está na base disso também. A obscuridade da moral espinosista, que faz com que esta moral possa parecer demasiada simples para muitas pessoas, consiste no fato que ela se baseia na intuição da unidade da substância, da unidade do nosso ser, da unidade da nossa alma, e, por último, da identidade real e concreta destas três unidades. As ideias abstratas separam em todos os sentidos

⁶Uma vez que corpo e alma são uma e a mesma coisa considerada sob dois atributos diferentes.

⁷[N.T.] Uma outra tradução possível do Scholium é aquela realizada pelo *Grupo de Estudos Espinosanos*, coordenação de Marilena Chauí: “Certamente nada proíbe que nos deleitemos a não ser uma superstição ameaçadora e triste. Em que, com efeito, matar a fome e a sede é mais decente do que expulsar a melancolia? Esta é minha regra e assim me orientei. Nenhum deus, e nem ninguém senão o invejoso, se deleita com minha impotência e incômodo, nem toma por virtude nossas lágrimas, soluços, medo e outras coisas deste tipo, que são sinais de impotência do ânimo; mas ao contrário, quanto maior é a Alegria com que somos afetados, tanto maior é a perfeição a que passamos, isto é, tanto mais é necessário que participemos da natureza divina. E, assim, é do homem sábio usar as coisas e, o quanto possível, deleitar-se com elas (decerto não *ad nauseam*, pois isto não é deleitar-se). É do homem sábio, insisto, refazer-se e gozar moderadamente de comida e bebida agradáveis, assim como cada um pode usar, sem qualquer dano a outrem, dos perfumes, da amenidade dos bosques, do ornamento, da música, dos jogos esportivos, do teatro e de outras coisas deste tipo. Pois o Corpo humano é composto de muitíssimas partes de natureza diversa, que continuamente precisam de novo e variado alimento para que o Corpo inteiro seja igualmente apto a todas as coisas que podem seguir de sua natureza e, por conseguinte, para que a Mente também seja igualmente apta a entender muitas coisas em simultâneo”, no original “Nihil profectò nisi torva, tristis superstitio delectari prohibet. Nam quí magis decet famem, sitim extinguere, quàm melancholiam expellere? Mea hæc est ratio, sic animum induxi meum. Nullum numen, nec alius, nisi invidus, meâ impotentia, incommodo delectatur, nec nobis lacrimas, singultûs, metum alia hujusmodi, quæ animi impotentis sunt signa, virtuti ducit; sed contrà, quo majore Lætitiâ afficimur, eò ad majorem perfectionem transimos, hoc est, eò nos magis de naturâ divinâ participare necesse est. Rebus itaque uti, iis, quantum fieri potest delectari (non quidem *ad nauseam* usque, nam hoc delectari non est) viri est sapientis. Viri, inquam, sapientis est, moderato, suavi cibo, potu se reficere, recreare, ut odoribus, plantarum virentium amœnitate, ornatu, musicâ, ludis exercitatoriis, theatris, aliis hujusmodi, quibus unusquisque absque ullo alterius damno uti potest. Corpus namque humanum ex plurimis diversæ naturæ partibus componitur, quæ continuò novo alimento indigente, vario, ut totum Corpus ad omnia, quæ ex ipsius naturâ sequi possunt, æquè aptum sit, consequenter ut Mens etiam æquè apta sit ad plura simul intelligendum” (ESPINOSA, 2018, pp. 448-451)

da palavra e assim são a única causa, não só das nossas discórdias interiores, como se pode compreender pelo que acima já foi exposto, mas também das inimizades que dividem os indivíduos e os impedem de viver em paz.

Referências

- CHARTIER, E. Matériaux pour une doctrine laïque de la sagesse. *Revue de Métaphysique et de Morale* 7, no. 6, 1899, pp. 759–64. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/40893337>>.
- SPINOZA, B. *Ética*. Tradução Grupo de Estudos Espinosanos; coordenação Marilena Chauí. 1ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

Recebido: 02/03/2022

Aprovado: 15/03/2022

Publicado: 30/04/2022

